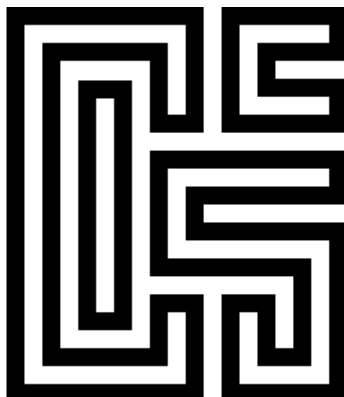


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

O PÂNICO NA MÍDIA

Violência - uma das manifestações do pânico.

Malena Segura Contrera

(Universidade Mackenzie e PUC - S. Paulo - Brasil)

*(Texto apresentado na COMPÓS –
Congresso Nacional dos Programas de Comunicação do Brasil, em 1999)*

Pânico e violência.

Estamos certos de que há algo de muito sintomático ocorrendo contemporaneamente nas mídias, algo que situamos como parte de um certo espírito do tempo que se assemelha e nos remete ao pânico.

Nos últimos anos, vimos estudando esse fenômeno extremamente complexo no qual diagnosticamos aspectos fundamentais. Para citarmos somente alguns desses aspectos e dimensionarmos a complexidade desse fenômeno, lembramos: a apologia do virtual e uma decorrente crise das percepções concretas, uma incompetência contextual e a crise da conectividade, a síndrome da auto-referência e da saturação informativa e, enfim, a violência.

Para esta reflexão, escolhemos apresentar o tema da violência. Sabemos que essa violência não pode ser corretamente compreendida separadamente, já que faz parte desse espírito do tempo, e que, apresentarmos somente as reflexões que giram em torno da violência pode dar margem a sérios riscos.

No entanto, como o formato desta apresentação impõe claros limites, procuramos dar conta, mesmo que parcialmente, deste ponto, estabelecendo a partir dele algumas relações que possam ao menos ajudar-nos a entender melhor o porquê da violência estar tão presente nas situações comunicativas das mídias contemporâneas.

Nos jornais, na televisão, no cinema, em todas as instâncias, a violência se apresenta como uma obsessão temática.

Aqui, interessa-nos delimitar essa violência ressitando-a em nossa comunicação contemporânea, já que convém lembrar que a violência, como fenômeno em si, é tão antiga quanto a própria humanidade, o que muito competentemente nos

mostra os estudos antropológicos e míticos que se debruçaram sobre essa questão.

E de fato, tão arcaica e enraizada está a violência que somos tentados a pensar que ela justifica a base mesma da natureza humana. Somos então convidados a buscar na Antropologia, na Psicologia e na Etologia pelas bases desse humano.

O homem - esse necessitado.

"Ficar enfurecido é revelar-se assombrado de medo."

(Shakespeare, in Antônio e Cleópatra)

Se fizermos uma reflexão mais atenta, que nos leve a buscar pelos fundamentos do humano, procurando nesse humano a brecha que se abre para esse fenômeno que conhecemos como violência, descobriremos que, embora a violência esteja presente desde nossas origens, o ser humano não se constrói exatamente a partir da violência, mas sim através de seu caráter social e gregário, baseado no sentimento de pertencência, nos processos de vinculação com o meio a partir dos quais toda sua hipercomplexidade se constrói.

Nossa situação de seres hipercomplexos faz com que nos demoremos mais nos estágios de desenvolvimento em comparação aos outros seres vivos, ficando, conseqüentemente, mais dependentes dos cuidados do grupo - esse processo foi denominado pelo antropólogo da complexidade E. Morin de juvenilização. Sobre esse fenômeno de interdependência que se desenvolve a partir da relação entre a consciência individual do sapiens e a sua relação com o meio social, E. Morin coloca que:

"A individualidade humana, que é a flor final dessa complexidade, é ao mesmo tempo tudo o que há de mais emancipado e de mais dependente em relação à sociedade. O desenvolvimento e a manutenção da autonomia estão ligados a um número enorme de dependências educativas (longa escolaridade, longa socialização), culturais e técnicas." (E. Morin: 1988: 26)

Pelo que parece, somos seres irremediavelmente fadados a uma necessidade de pertencência que gera, conseqüentemente, uma necessidade de aprovação.

Somos, enfim, eternos carentes. Norval Baitello Jr. reitera essa idéia (in *O animal que parou os relógios*), ao afirmar que a interdependência é o preço que pagamos por nossa crescente especialização, resultando na divisão do trabalho que, por sua vez, possibilita a multiplicação do tempo individual no tempo social.

Essa leitura é ainda reforçada por T. Todorov que, desenvolve uma ampla reflexão sobre o tema, concluindo que:

"Não é apenas tal ou tal faceta de nosso ser que é social, é toda a existência humana." (T. Todorov: 1996: 151)

O psicólogo cultura James Hillman relaciona ainda este aspecto essencialmente humano com Ananke, a Necessidade, que o autor apresenta, num longo estudo etimológico do termo:

"Schreckerberg coloca uma ênfase toda especial nas acepções canga/coleira/laço da sua etimologia, não deixando dúvidas de que, na origem, necessidade significa um 'vínculo estreito' ou 'laço íntimo', como o vínculo de parentesco, relacionamento consangüíneo. Necessitudines são 'pessoas com as quais alguém está estreitamente unido...'" (J. Hillman: 1980: 15)

Grande parte das vezes o homem que se quer autônomo é acometido de um sentimento de peso, uma agonia, por causa dessa condição de "vinculado" . Sobre isso Hillman ainda coloca que, sob a égide de Ananke, qualquer tentativa de prescindir desses vínculos é vã. Ananke seria uma deusa que representa, inclusive, essa espécie de compromisso com um tipo de patologização própria da experiência dos arquétipos das divindades, dos arquétipos ligados ao processo de transcendência. Não há transcendência sem o laço estreito do vínculo.

Dessa forma, para Hillman, um arquétipo traria em si uma espécie de patologização intrínseca, representada pela noção de necessidade:

"... a necessidade pode agir como a função da natureza de uma coisa, em vez de ser apenas uma causa mecânica externa." (J. Hillman: 1980: 23)

Sendo assim, nossa natureza humana é exatamente a de sermos necessitados, atados ao nó do outro, do que dele não podemos prescindir, e que nos afeta através do seu reconhecimento.

E por mais que essa interdependência não nos agrade muito é preciso que comecemos a refletir sobre como temos lidado com essa questão contemporaneamente, já que não é apenas a Antropologia que tem nos chamado a atenção para a relevância dessa questão; a Etologia humana também o tem feito com muita propriedade. O etólogo B. Cyrulnik a respeito desse ponto afirma literalmente que:

"Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém" (B. Cyrulnik: 1995: 75)

Devido à extrema importância dessa pertencência, torna-se imprescindível que nos perguntemos a respeito do outro lado da pertencência, sobre como se configuram as formas de distúrbio dessa relação de vinculação fundadora. Poderíamos apontar muitas configurações desse distúrbio, mas certamente uma dessas configurações é a violência, já que, como aponta Cyrulnik:

"Acontece que a patologia da pertença é individual, como nos delírios de filiação... O doente não tem o sentimento do 'eu'. Ele só se representa no 'nós'. 'Se ela me abandona, eu a mato e depois me mato, pois não posso viver sem ela'... Os mundos fechados da pertença, onde uma única maneira de ser humano é tolerada

e exclui qualquer outra, constituem a doença de pertença mais freqüente."(B. Cyrulnik: 1995: 84)

Parece-nos que a "doença de pertença" é, como Ananke, sentida individualmente, por meio de tormentos indizíveis, como assinala Hillman:

"... os comentadores de Platão empregam, para as operações desse princípio (Ananke), palavras como: errante, dispersivo, perdido, irracional, irresponsável, desviante, enganador, falaz, irregular, aleatório... A Necessidade atua por meio de desvios." (Hillman: 1980: 24)

E se certamente nem todo desvio é violência, toda violência é sentida como desvio.

Assim, tanto a "doença de pertença" que B. Cyrulnik aponta, quanto "os desvios gerados pela Necessidade" de Hillman, sinalizam para formas de violência que podem ser geradas pelo avesso da condição humana da pertença: a exclusão, a desvinculação.

A reflexão sobre essa relação entre exclusão e violência não é absolutamente nova, e a Sociologia também já a explorou com bastante pertinência. Um exemplo das conclusões às quais a Sociologia chegou, que fizeram os estudos da violência irem de encontro aos fenômenos de vinculação, pode ser encontrado em vários momentos da obra do sociólogo M. Maffessoli (mais pontualmente em *O Tempo das Tribos e Dinâmica da Violência*).

Repletos de razões para isso, podemos então afirmar que a exclusão, sendo o oposto da pertença, da inclusão, é um dos fenômenos que está na base da violência. E apesar da violência ser um fenômeno social, ela normalmente

configura-se e é mais facilmente reconhecida através de atitudes individuais ou de situações circunstanciais: um assassinato, uma rebelião, um estupro, mais uma cena qualquer de circo dos horrores, dessas cenas que alimentam os noticiários que a mídia apresenta, deixando cada vez mais clara sua predileção pelos temas catastróficos e grotescos, enfim, pelas várias faces da violência.

Todos queremos ser alguém. E entre os alguéns, todos queremos ser o alguém especial para outros alguéns, mesmo quando isso pode, em alguns casos, adquirir o caráter patológico dessas formas de violência apresentadas pela mídia que tem feito dessa violência não apenas um de seus temas prediletos, mas também um de seus maiores ícones.

É de desgraça que o público gosta?

(A violência simbólica da mídia)

"Cada encontro mal codificado desperta o sentimento de abandono que o impregna." (Cyrulnik: 1995: 77)

Passamos então a nos questionarmos a respeito de quando, como ou por que nos tornamos assim tão ávidos por violência.

Quando questionados sobre a questão da predileção temática da mídia pela violência, os profissionais de mídia normalmente respondem com o velho clichê de que é disso que o espectador gosta, de que é o que dá audiência e faz a coisa toda continuar. E apressam-se a apresentar os resultados de pesquisas que mostram os altos índices de audiência de programas com um grau elevado de violência, procurando legitimar quantitativamente o que na realidade é um problema qualitativo.

Mas é aqui que, como cientistas da comunicação, temos de nos perguntar: qual o real papel que a mídia tem desempenhado frente a essa violência? Onde realmente está a violência na mídia?

Afinal, se, como vimos, a violência está relacionada à uma certa crise da competência vinculativa, que poderíamos chamar também de competência conectiva, promover essa conexão não seria exatamente o papel dos meios de comunicação, mediadores por excelência?

Quando buscamos pelas raízes da violência na mídia, deparamo-nos com uma crise nos procedimentos comunicativos. Ou seja, parece-nos que aqui a violência

está muito menos em seus temas do que no modo como as mídias operam com as suas linguagens.

Deparamo-nos com o que o teórico da comunicação Harry Pross chama de "violência simbólica", que ele assim apresenta:

"... definimos violencia simbolica como el poder hacer que la validez de significados mediante signos sea tan efectiva que otra gente se identifique con ellos." (H. Pross: 1989: 71)

Essa regulação social da comunicação só poderia certamente ser feita por meios que possuíssem esse poder simbólico, que fossem portadores simbólicos da comunicação. Mas para adquirirem esse poder simbólico, certamente que esses meios não poderiam prescindir nem dos rituais da comunicação (agentes de sincronização temporal), nem de um poder de alcance e penetração (agentes de organização espacial) próprios das mídias eletrônicas. E isto nos leva aos já tão discutidos meios de comunicação de massa.

Como se esse poder simbólico apontado por Pross já não fosse suficientemente preocupante, é a partir dessas reflexões que outro teórico da comunicação, o espanhol Vicente Romano, aponta para outro fenômeno muito importante decorrente desse contexto: a predileção absoluta das mídias de massa pelos sentidos à distância (visão e audição), em detrimento dos sentidos de proximidade (tato, paladar e olfato).

Sobre isso, diz V. Romano que:

"Lo atmosférico, el ambiente que convierte la expresión perfecta en acontecimiento, es irreplicable. Pero los medios técnicos de comunicación se orientan por la repetición. No transmiten ningún contacto con la piel, ningún sabor ni

olor, necesarios para la vivencia (Erlebnis). Sirven, satisfacen, a la vista y al oído, mientras que los otros sentidos perciben en el ámbito elemental... el lenguaje se somete a la ley de la economía de señales... La economía de señales es una cuestión de poder. El poder de unos seres humanos sobre otros..." (V. Romano: 1993: 91)

As reflexões de Romano nos levam a pensar que mais preocupante do que essa violência política que podemos identificar claramente aqui, é o fato de que essa situação acaba gerando uma gravíssima crise na percepção, especialmente por colocar em risco exatamente essa dimensão ambiental que também podemos entender como contextualização.

Desse modo, como não gerar violência se esses procedimentos comunicativos com os quais a mídia opera lesam seriamente a própria percepção e consciência corporais que estão na base mesmo de toda noção de identidade, e conseqüentemente, em toda noção de sociabilidade, vinculação, pertencência?

A violência dos temas apresentados pela mídia (acidentes, mortes, violências familiares, etc) é identificável, podemos trabalhar com isso se quisermos; poderíamos inclusive rejeitá-la se essa virtualização dos receptores praticada pela linguagem não tivesse definitivamente nos implantado uma estética da violência muito mais cruel e sub-reptícia, muito mais perigosa porque apresentada como "as maravilhas do virtual" e não como violência ao corpo.

Sabemos ainda que essa "violência ao corpo, ao sensível" não é um fenômeno exclusivo dos meios de comunicação, ele se encontra na base das sociedades modernas, é um dos grandes paradigmas da modernidade que a contemporaneidade vem revendo. Sobre esse fenômeno, M. Maffesoli dedica uma longa reflexão (in *No fundo das aparências*), chamando a atenção especialmente para o modo como a própria produção de conhecimento do século se deixou levar

por essa direção. Com ele, podemos pensar no papel das mídias em uma época em que até mesmo:

"...o pensamento exerce sua violência contra o sensível."

(M. Maffesoli: 1996: 70)

Enfim, o pânico.

O vínculo, o contexto e o sentido.

D. Kamper, sociólogo alemão que tem se debruçado atentamente sobre algumas das questões atuais mais pertinentes, faz uma interessante reflexão que mostra como alguns dos efeitos dessa crise dos sentidos, dessa virtualização, recaem sobre o corpo, apontando para a nova sociedade que ele chama de "sociedade da mídia", concluindo que:

"...se nós queremos participar dessa sociedade temos de nos ligar, fazer o mesmo que todo mundo faz. Não temos que perder somente os sentidos da visão e da audição, mas temos que perder a totalidade do nosso corpo, se quisermos participar dessa sociedade." (D. Kamper, palestra de 13/09/97)

Ao perdermos a consciência corporal, perdemos nossa acuidade sensorial, e ao lesarmos os sentidos de proximidade, passamos pelas coisas sem sermos capazes de nos conectarmos a elas.

Ora, se nossa percepção está comprometida, e conseqüentemente nossa competência conectiva também, estamos seriamente comprometidos em nossa capacidade de estabelecermos os vínculos sobre os quais falamos no início desta exposição.

Sem o estabelecimento de vínculos, o próprio sentido da comunicação em si mesma está comprometido. Buscamos desesperados por mais informações todo o tempo porque sentimos que algo nos falta e, principalmente nos grandes centros urbanos globalizados e globalizantes confundimos, hoje, superabundância e saturação informativa com comunicação.

As conseqüências dessa confusão que leva a uma situação de incomunicação já foi também diagnosticada pelo psicólogo cultural James Hillman:

"... a imensa indústria da hipercomunicação, através de seus telefones portáteis e celulares, satélites e linhas ocupadas, fax, beeps, modems, secretárias eletrônicas e cassetes - toda essa parafernália de plástico colorido, de baixo custo, que transforma o cidadão num sujeito plugado com o mundo todo, em todos os lugares - 'Existo porque sou acessível' - tudo isso não acaba com a minha solidão, pelo contrário, intensifica-a.

Se preciso estar em rede para existir, então, quando estou sozinho, estou fora do gancho, incomunicável, vazio e nulo, não sou encontrado em lugar nenhum. Ninguém chega até mim. Se existir significa estar acessível, então para existir preciso estar em rede. Resultado: a síndrome contemporânea é o vício da comunicação." (J. Hillman: 1995: 96)

Caímos todos no que Hillman chama de "vício da comunicação" e que penso que seria mais correto chamar de saturação já que todo esse quadro que Hillman apresenta não seria alarmável se a comunicação estivesse acontecendo satisfatoriamente, afinal, como seres hipercomplexos, não poderíamos prescindir de meios de comunicação que acompanhassem nossa crescente complexidade. Porém, juntamente com a estrondosa audiência de alguns agentes da mídia, nossa época apresenta clínicas médicas e psicológicas cheias de pessoas que, muitas vezes, pagam só para ter um interlocutor atento. Em tempos de crise dos processos de vinculação, da competência conectiva, a quantidade de informações parece aumentar na mesma medida da incomunicabilidade.

E sobre isso talvez valha lembrar da ressalva até certo ponto óbvia, mas bastante oportuna, de que:

"... complexidade não é sinônimo de complicação. A noção de complicação estaria mais próxima da quantidade. Um número excessivamente grande de informações não significa necessariamente uma melhor visão de um certo fenômeno, sobretudo se não temos condições de averiguar o porquê daquelas informações, seu significado e significância para o problema que se quer explicar."
(H.M.F. Lima: 1997: 59)

Podemos nos questionar também até que ponto esse comprometimento dos "significado e significância" aos quais Lima se refere não resulta também desse deslocamento decorrente de uma certa incompetência de contextualização, e se isso não opera uma certa mutilação em uma das premissas básicas da própria vida, já que como bem coloca B. Cyrulnik, voltando-se às bases dos sistemas vivos enquanto um todo:

"Os seres organizados são forçados a interagir de modo constante com seu meio para viver. Essa atividade intencional, como tem a vida por projeto, exige uma busca de informação. Essa intenção de viver leva a filtrar, selecionar e organizar o percebido em função do que é necessário para viver."(B. Cyrulnik: 1995: 17)

Dessa maneira, a violência da qual falamos pode ser considerada uma decorrência da dimensão da crise que vivemos em relação a esses processos de interação. Assim, não nos surpreende que nossa interação com o meio não possa se dar competentemente, e nossos processos cognitivos mais fundamentais, como a percepção, a seleção e a memória, não contando com a competência contextual necessária para operarem, muitas vezes não sejam competentes para "filtrar, selecionar e organizar o percebido em função do que é necessário para viver" e não apenas sobre/viver.

Quando o sentido se perde, operam a saturação e a simplificação que tiram de foco o sujeito complexo, como bem coloca J. Machado da Silva:

"A informação, vista como finalidade suprema deste final de milênio, acaba por esconder ou negligenciar o sujeito da troca de signos. Informação para quê? Informação para quem? Os meios de comunicação tornaram-se sujeitos de si mesmos. A informação-fetice desconsidera a humanidade dos homens. Simplificar é a palavra-chave da mídia." (J. Machado da Silva: 1997: 109)

Simplificação pasteurizadora, violência simbólica, auto-referência, abolição do corpo, crise da percepção concreta: sintomas sócio-culturais de nosso tempo.

Expostos à irrupção da violência, não apenas configurada como uma ação violenta, mas manifesta nas síndromes individuais, nas reações frente às flutuações das bolsas de valores mundiais, no circo dos horrores das mídias, na violência glamourizada dos espetáculos, estamos imersos no "espírito da nossa época": o pânico.

Este pânico, representativo de um momento em que a sociedade parece se "degradar", e que tem merecido um estudo mais atento de nossa parte, já mereceu, na década de 80, ser estudado por Henri-Pierre Jeudy, que sobre ele afirma que:

"... Dans un perpétuel jeu de renvoi, les discours sur l'insécurité individuelle ou collective brouillent les causes, les événements et se bouclent sur le constat navrant d'une société qui se dégrade. Alors, on lève les bras pour signaler une impuissance résignée, ou bien on crie de colère en dénonçant pêle-mêle le vandalisme, le terrorisme, la perte de contrôle d'un ordre social... Et voilà, le tour est joué: l'insecurité permanente dans tous les domaines et en tout lieu, c'est la

mort prématurée d'une société qui accepte sa décomposition." (H.P. Jeudy: 1981: 17-18)

Hoje, final da década de 90, o pânico se instaura soberano nessa sociedade que parece apresentar sinais de uma morte prematura, como afirma Jeudy, ou de uma morte em realidade bastante anunciada por meio de seus sistemas comunicacionais que, frente ao fracasso de sua função como vascularizadores do corpo social, acenam para uma "decomposição" mais que justificada por esse quadro.

Decomposição, aliás, que não poderia deixar de se fazer acompanhar dos sintomas e da irrupção da violência sobre a qual, aliás, Jeudy também nos diz que:

"La relation entre la violence, dans sa forme collective et les phénomènes de panique, se fonderait ainsi sur l'existence virtuelle de cette logique explosive, toujours prête à se mettre en place dès que les pouvoirs institués son menacés..." (H.P. Jeudy: 1981: 33)

E é exatamente isso que esse pânico revela aos nossos sistemas sociais comunicativos - e a seus representantes oficialmente instalados em seu poder simbólico -: que seu "poder instituído", que se pensa tão tranqüilamente garantido por uma prática ética altamente questionável, está de fato ameaçado, porque está ameaçada exatamente sua competência simbólica e comunicativa.

E enquanto as mídias se ocupam em espetacularizar a violência, explicitando-a sob formas cada vez mais grotescas, calam sistematicamente sobre outras formas de violência, em realidade promovendo sua amplificação; formas mais sutis, que

engendram as primeiras, como vimos tentando demonstrar. Formas utilizadas por Pã para possuir nossos corpos.

Afinal, segundo a mitologia, Pã é descrito como um deus que nos coloca em fuga frente à presença do "tudo ao mesmo tempo aqui e agora" - uma bela metáfora para essa superabundância informativa que põe nossos sentidos em fuga. Eis aí a força da violência avassaladora do pânico: ele nos traz o mundo todo enquanto nos tira de nosso próprio corpo.

Referências Bibliográficas:

BAITELLO JR., N. (1997) *O animal que parou os relógios*. Annablume, São Paulo, Brasil.

CASTRO, G. et. at.(coord.) (1997) *Ensaio de complexidade*. Sulina, Porto Alegre, Brasil.

CONTRERA, M. S. (1995) *O mito na mídia*. Annablume, São Paulo, Brasil.

(1998) "Los mitos son los sueños de la cultura - pan y el trastorno de pánico.", in *Revista Opción* no. 26. Universidad del Zulia, Maracaibo, Venezuela.

DURAND, G. (1997) *Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Martins Fontes, S. Paulo, Brasil.

CYRULNIK, B. (1995) *Os alimentos do afeto*. Ática, São Paulo, Brasil.

HILLMAN, J (1989) *Entre-Vistas*. Summus, São Paulo, Brasil.

(org.) *Encarando os deuses*. Cultrix/Pensamento, S. Paulo, Brasil.

HILLMAN, J. e VENTURA, M. (1995) *Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior*. Summus, São Paulo, Brasil.

JEUDY, H-P (1981) *La panique*. Galilée, Paris, França.

MAFFESOLI, M. (1985) *A Sombra de Dionísio*. Ed. Graal, R. Janeiro, Brasil.

(1987) *O tempo das tribos*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, Brasil.

(1987) *Dinâmica da violência*. Vértice, São Paulo, Brasil.

(1996) *No fundo das aparências*. Vozes, Petrópolis, Brasil.

MORIN, E. (1990) *Cultura de massas no séc. XX*. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, Brasil.

(1986) *Para sair do séc. XX*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil.

PROSS, H. (1989) *La violencia de los símbolos sociales*. Anthropos, Barcelona, España. ROMANO G., V. (1993) *Desarrollo y progreso - Por una ecología de la comunicación*. Teide, Barcelona, España.

TODOROV, T. (1996) *A vida em comum*. Papirus, Campinas, Brasil.

Outras Referências:

KAMPER, D. "Trabalho e Vida", palestra proferida em 13/09/97 aos professores da Faculdade de Comunicação e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Br.